

A AUTORA

Maria Lourdes Motter

Professora Livre-Docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP, coordenadora adjunta do Núcleo de Pesquisa de Telenovela.

O QUE A FICÇÃO PODE FAZER PELA REALIDADE?¹

Telenovela brasileira adapta receita do melodrama para tratar de temas sociais

Quando se pensa na complexidade e desigualdade da sociedade brasileira, emergem as carências e as dificuldades de se levar ao conjunto da população as condições mínimas de existência digna: alimentação, moradia, saúde e educação. Nesse contexto em que prevalece a diferença e os contrastes se tornam insuportáveis, vivemos entre a apatia e a violência. A primeira, como estado predominante que desestimula esforços nos extremos da miséria e da abundância; a segunda, estado que o húmus produzido pela primeira desenvolve e alimenta. Há uma guerra silenciosa na qual agentes da mesma sociedade intimidam e acuam, atacam e defendem, alojam-se nos poros por onde se infiltram, contaminam e adoecem o corpo social. Difícil identificar nesse tecido a ameaça invisível sempre presente e a pro-

gressão assustadora de seu avanço. Em meio à perplexidade geral, organizações poderosas assumem o controle da situação devido às facilidades propiciadas pelo mundo globalizado, as do tráfico de armas e de drogas, ambas atuando na produção de uma sociedade de seqüestradores e reféns, tanto no sentido literal como no sentido metafórico, na qual não se distinguem os limites entre uns e outros dada a grande possibilidade aberta ao intercâmbio de papéis. Da fuga de uma realidade insuportável ao prazer ingênuo, desenha-se o caminho para esse mundo alternativo. Os custos emocionais e sociais não são claros nem considerados quando ele se oferece ao jovem como experiência. O poder de resistir com frequência se enfraquece pela falta de informação, pelo desconhecimento e despreparo para avaliar as resultantes da escolha.

1 . Artigo publicado no Jornal da USP, nº 599, de 3 a 9 junho de 2002. A autora trata do assunto também no artigo *Telenovela: arte do cotidiano. Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, nº 13, set./dez. 1998.

Em meio às grandes carências, à insuficiência de meios para administrar os problemas, e ao despreparo geral para identificar possibilidades de reverter a situação com ações efetivas, orientadas por programas e políticas adequadas, a comunicação sinaliza a esperança. Ela mesma complexa e incerta, pela diversidade que permeia um território multicultural, oferece as condições para a instauração do diálogo, para a informação e para o conhecimento. Poucos agentes estão – tal qual como os meios de comunicação – técnica e formalmente preparados para a interação com segmentos de público tão diversos. A televisão, ao lado do rádio, consegue ultrapassar as barreiras do analfabetismo e atingir os excluídos da educação formal, integrando-os no mundo da comunicação. Favorecida pela imagem, cor, movimento ou pelo sincretismo caracterizador de sua linguagem, a televisão consegue se abrir a múltiplas entradas de leitura e apreensão de suas mensagens, elementos fundamentais para firmar sua capacidade de alcançar a pluralidade de espaços, tempos e (des)níveis sociais que caracterizam a formação social de um país como o nosso.

Falamos de possibilidades de comunicação. A qualidade dessa comunicação emerge dessa complexidade: de um lado a busca da abrangência do igual que está no diverso, de outro o impulso para agradar, determinação que se orienta do fator econômico – base da empresa cujo produto é a própria comunicação. Há que se considerar que as concessões para operar canais de televisão constituem delegações de poder para processar, no âmbito da empresa privada, uma questão de interesse público, qual seja a da comuni-

cação. Os mecanismos de regulamentação não chegam a afetar a autonomia de grupos privados para usarem como julgarem mais conveniente a tribuna da qual falam diuturnamente para o conjunto da população brasileira. E a concorrência entre tais empresas assume o papel do grande gestor da programação televisiva, onde o vetor qualidade se empalidece, chegando mesmo a desaparecer, diante dos interesses do capital.

TELENOVELA E COMPROMISSO SOCIAL

Neste cenário não há como deixar de reconhecer o predomínio da baixa qualidade da programação da televisão brasileira de sinal aberto, onde a única zona de preservação de qualidade se circunscreve aos limites da ficção televisiva e, em particular, das ficções seriadas de autoria e produção genuinamente nacionais. Refiro-me, de modo particular, às minisséries e especialmente, por sua longa duração, às telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão.

Por caminhos que não
cabe aqui mencionar, a
Rede Globo vem, paulatina e
progressivamente, ampliando o
clássico modelo do melodrama
para acrescentar à telenovela
uma dimensão de caráter social.

Sem descaracterizar o formato, ela o
alarga para incorporar problemas e colo-
car em discussão questões fundamentais

da realidade social. Temas como homossexualidade, reforma agrária, crianças desaparecidas, alcoolismo, leucemia foram postos em pauta nas últimas telenovelas e construídos com clareza e aos poucos no curso dos cerca de seis meses de duração da história. *O clone* (Glória Perez – 2002) traz a dependência química em suas diversas faces e escancara uma campanha antidrogas com depoimentos dramáticos de pacientes em tratamento e de seus familiares, gerando uma grande procura de orientação e tratamento especializado. As pesquisas apontam resultados estimulantes² nem sempre expressos pelos índices de audiência, mas verificáveis principalmente pelas mudanças de atitude reveladas em depoimentos, como os de famílias que se reconciliaram com os filhos (homossexualidade masculina – *A próxima vítima* (1995) – Sílvio de Abreu), o aumento de procura por tratamento ou serviços de apoio (alcoolismo – *Por amor* (1997) – Manoel Carlos), o número de doadores de medula óssea (passou de 5 por semana a 255 durante a novela e registrava, em maio de 2002, a média de 150), além da ampliação significativa da demanda nos serviços de prevenção e tratamento de câncer (leucemia – *Laços de família* (2000) – Manoel Carlos), a recuperação de crianças desaparecidas, quando o percentual passou de 55% para 80% (*Explode coração* (1995-6) – Glória Perez). Temas de caráter político com consequências observáveis através de ações do Congresso e medidas legais geradas

encontram registro seja na história recente do passado (*Salvador da Pátria* (1989) – Lauro César Muniz), censurada com o argumento de que poderia interferir nos resultados das eleições para Presidente da República, seja mais proximamente, a polêmica e corajosa discussão da indiferença dos políticos frente aos massacres gerados pela posse da terra (*O rei do gado* (1996-7) – Benedito Ruy Barbosa), estimulando a aprovação de leis como a de aumento, pelo Congresso Nacional, do Imposto Territorial Rural (ITR) e do Rito Sumário para desapropriação de terras improdutivas. Na temática de cunho político, podemos lembrar o processo de construção de personagens, na qual a formação da liderança nascida das bases se opunha à produção do perfil do político oportunista e corrupto, culminando com as campanhas eleitorais de ambos, onde é claro o nivelamento dos discursos, demonstrando que o *marketing* político transforma lobos em cordeiros, heróis em bandidos e, também, que a campanha pela televisão e o horário eleitoral gratuito são produções cuidadosas de ficção política. A moral da história, a partir da identificação dos políticos corruptos ficcionais com os protagonistas do cenário político nacional, é que a imagem asséptica do horário eleitoral nada tem a ver com a guerra suja (com ingredientes que vão da falta de ética à imoralidade e ao crime) que se trava no submundo da construção de lideranças espúrias (*Porto dos Milagres* (2001) – Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares).

2. Como os apresentados por entidades como o NEPAD – Núcleo de Estudos e Pesquisas em atenção ao Uso de Drogas, no Rio de Janeiro, o aumento da procura por tratamento atingiu 60%, depois que a telenovela começou; ou como o CEAD, em Jundiá – SP, que passou de cinco telefonemas de orientação por semana para cinco por dia; ou ainda como, em Pernambuco, o Centro Eulámpio Cordeiro de Recuperação Humana, que registrou um aumento de 50% no setor de atendimento, no mês de abril de 2002.

Independentemente da discussão que se possa empreender sobre a telenovela como um todo, na infinidade de detalhes que compõem sua produção (equivalente à de vários filmes para cinema), no ritmo frenético de escrita, produção e gravação diárias durante seis meses e da qualidade artística final alcançada, levando-se ainda em conta os diferentes estilos dos autores e os constrangimentos do meio televisão, não há como não reconhecer a excelência do trabalho ficcional desse gênero que insistimos em denominar de *telenovela brasileira*. Ela nos colhe no descanso, quando depomos momentaneamente as armas da luta cotidiana, nos embala, nos toca a emoção. Desprevenidos nos preparamos, sem saber, para nossas frentes de lutas no espaço das relações familiares, de trabalho, da vida. Somos realimentados do esgotamento, passeando por outras vidas, outros dramas, outras tramas, onde a beleza compensa o lado escuro do mundo e neutraliza o escuro que ela ilumina, mas, sendo do outro e não nosso, ficamos preservados para reter apenas a lição e a experiência que se inclui como mais uma possibilidade na solução de nossos próprios problemas.

O QUE A REALIDADE PODE FAZER COM A FICÇÃO?

Posto que a telenovela tem definido pautas para a mídia e para a sociedade, criando desejos a partir do conhecimento ficcional propiciado e da sensibilidade despertada, gerando movimentos em direção à mudança e ações concretas como o aumento de demandas sociais – em busca de ofertas e de apoios nas instituições, movimentos e organizações – cabe a es-

tas reconhecer a eficiência dessa comunicação e se preparar para dar conta dos efeitos provocados: aparelhar-se para atuar como parceiro eficiente capaz de absorver e atender a demandas que campanhas institucionais não conseguem produzir. Cada um deve fazer o que faz bem e deixar para o outro o que ele sabe fazer. Se a ficção televisiva pode tocar tantos ao mesmo tempo e discutir, dentro dos limites da ficção, questões delicadas, difíceis e cruciais do momento que vivemos com seriedade, cabe-lhe tratar desses problemas não como documentário ou com o didatismo de uma lição.

Se a telenovela atravessar a fronteira do ficcional para o factual, os aparelhos serão desligados ou sintonizados em outro canal.

O factual, ou a realidade, só se torna um objeto desejável por se oferecer, na telenovela, na embalagem do sonho, do devaneio, do descompromisso. Não se deve cobrar dela nada além da responsabilidade social que lhe cabe como líder de audiência. A finalidade da televisão continua sendo entretenimento e informação. Nós insistimos em cobrar dela um propósito educativo e lhe atribuímos esse papel, o que é possível sobretudo no âmbito da ficção onde a mediação de autores com responsabilidade social existe e é de suma importância. Neste espaço a negociação segue tranqüila de vez que na ponta do novelo estão não profissionais da escrita de roteiros para TV mas cidadãos mergu-

lhados nas angústias do nosso cotidiano, dotados da arte de criar e saber contar histórias. Eles o fazem de frente para um Brasil sombrio, que sonham belo como o que se delineia em suas histórias. Mas que para tornar-se realidade precisa de muitas histórias. A ficção tem limites para além dos quais a ação passa para o poder público e para a sociedade, que não podem delegar a ela a solução dos problemas concretos que a ineficiência dos sucessivos projetos políticos brasileiros não conseguiu resolver. A ficção pode fazer muito pela realidade, pode desenhar mundos,

pode apontar caminhos. Só não pode fazer a mágica de transformar, por si só, o que historicamente é resistente à mudança, o que cabe aos agentes sociais concretos. A crítica não fundamentada da telenovela e de suas campanhas é um modo de interpor cortinas entre o nosso olhar e os problemas que clamam por solução. A ficção pode fazer mais pela realidade do que esta tem feito por si mesma. A situação pode e deve ser revertida. Para tanto basta que se unam as pontas do novelo e se celebre a parceria, pois o mundo virtual contém o mundo possível.

Resumo: O artigo trata de como a ficção televisiva, em particular a telenovela brasileira tem pautado, com sucesso de audiência, temas sociais de difícil solução: homossexualismo, corrupção, drogas, câncer, entre outros. Tem mobilizado, ainda, a população no sentido da discussão, da procura de apoio para a mudança de comportamento. A ficção trata a realidade a partir de sua especificidade, mas cabe às forças sociais agir para a mudança. A autora destaca ainda a telenovela brasileira como um produto ímpar do gênero, ressaltando sua qualidade técnica e temática, frente aos demais produtos culturais veiculados pela TV.

Palavras-chave: ficção-realidade, telenovela, televisão, Rede Globo

(What can fiction do for reality?)

Abstract: The article deals with how television fiction, in particular the Brazilian telenovela, has dealt successfully with social themes that are difficult to solve, such as homosexuality, corruption, drugs, cancer, among others. It has also mobilized the population towards discussion, searching for support for behavioral changes. Fiction deals with reality based on its specificity, but it is up to the social forces to cause change. The author also emphasizes the Brazilian telenovela as unique product of its type, stressing its technical and thematic quality when compared to the other cultural products aired by TV.

Key words: fiction-reality, telenovela, television, Rede Globo